



PERCEPÇÃO DA MULHER QUANTO À INFLUÊNCIA DAS AVÓS NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO

WOMEN'S PERCEPTION OF THE INFLUENCE OF GRANDMOTHERS IN THE BREASTFEEDING PROCESS

LA PERCEPCIÓN DE LA MUJER CON RESPECTO A LA INFLUENCIA DE LOS ABUELOS EN EL PROCESO DE LACTANCIA MATERNA

Fernanda Paula Cerântola Siqueira¹, Aline Rossanezi Castilho², Cristina Toshie de Macedo Kuabara³

RESUMO

Objetivo: verificar a percepção da mulher quanto à influência das avós no processo de amamentação. **Método:** estudo descritivo exploratório, com abordagem qualitativa, realizado com 25 mulheres mães de crianças de seis a 24 meses. Os dados foram produzidos por meio de entrevista gravada. A análise dos dados foi fundamentada na Análise de Conteúdo na modalidade Temática. **Resultados:** emergiram duas categorias temáticas: << A influência das avós na decisão e na manutenção da amamentação >>; << O empoderamento da mulher/nutriz na decisão e na manutenção da amamentação >>. **Conclusão:** ao considerar que as avós exercem grande influência na tomada de decisão das nutrizes, fica evidente a necessidade de promover o empoderamento da mulher, desde o pré-natal, para que ela possa ser sujeito ativo no processo de amamentação, podendo avaliar e fazer suas próprias escolhas. **Descritores:** Aleitamento Materno; Saúde da Criança; Empoderamento.

ABSTRACT

Objective: to verify the perception of women about the influence of the grandmothers in the process of breastfeeding. **Method:** an exploratory descriptive study, with a qualitative approach, performed with 25 female mothers of children aged six to 24 months. The data was produced by recorded interview. The analysis of the data was based on Content Analysis in the Thematic modality. **Results:** two thematic categories emerged: << The influence of the grandmothers in the decision and maintenance of breastfeeding >>; << The empowerment of the woman / nurse in the decision and maintenance of breastfeeding >>. **Conclusion:** when considering that grandparents exert a great influence in the decision-making process of the nursing mothers, it is evident the need to promote the empowerment of the woman, from the prenatal period, so that she can be an active subject in the breastfeeding process, being able to evaluate and make her own choices. **Descriptors:** Breast Feeding; Child Health; Empowerment.

RESUMEN

Objetivo: verificar la percepción de la mujer con respecto a la influencia de los abuelos en el proceso de lactancia. **Método:** estudio descriptivo, exploratorio, con un enfoque cualitativo, llevado a cabo con 25 mujeres madres de niños de seis a 24 meses. Los datos fueron producidos a través de la entrevista grabada. El análisis de los datos se basó en el análisis de Contenido en la modalidad Temática. **Resultados:** emergieron dos categorías temáticas: << La influencia de los abuelos en la decisión y en el mantenimiento de la lactancia materna >>; << El empoderamiento de la mujer/nutrice en la decisión y en el mantenimiento de la lactancia materna >>. **Conclusión:** teniendo en cuenta que las abuelas ejercen gran influencia en el proceso de toma de decisiones de las madres nutrizes, se queda evidente la necesidad de promover el empoderamiento de la mujer, desde el período prenatal, para que ella pueda, ser sujeto activo en el proceso de lactancia materna, siendo capaz de evaluar y tomar sus propias decisiones. **Descriptores:** Lactancia Materna; Salud del Niño; Control del Poder.

¹Enfermeira, Professora Doutora, Curso de Enfermagem, Faculdade de Medicina de Marília/Famema. Marília (SP), Brasil. E-mail: fercerantola@yahoo.com.br; ²Enfermeira (egressa), Faculdade de Medicina de Marília/Famema. Marília (SP), Brasil. E-mail: line_rcastilho@hotmail.com; ³Enfermeira, Mestre, Encarregada da Saúde da Criança, Secretaria Municipal da Saúde. Marília (SP), Brasil. E-mail: crismel31@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O desmame precoce ainda é um problema encontrado em todo o Brasil, sendo evidenciado nas pesquisas de prevalência realizadas nos municípios brasileiros. Neles, a média do aleitamento materno exclusivo está aquém do desejado e esperado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que é até os seis meses de vida e sua continuidade até os dois anos de idade ou mais.¹

Em relação ao aleitamento materno exclusivo, a média do Brasil é de 41%; de São Paulo, 39,1% e a cidade de Marília está abaixo da média, com aproximadamente 30%. Quanto ao aleitamento materno entre crianças de nove a doze meses, o Brasil ficou com 58,7%; São Paulo, com 48,75% e, mais uma vez, a região de Marília confirma essa posição abaixo da média, com menos de 40%. Em relação ao aleitamento materno nas primeiras 24 horas, obteve-se a média no Brasil de 67,7%; em São Paulo, de 62,4% e, ainda, menos de 60% na cidade de Marília.¹

Percebe-se que as cidades de São Paulo e Marília estão abaixo da média nacional em todos os requisitos mencionados acima, dados estes que são preocupantes e que motivam a investigação de fatores, práticas ou situações que contribuem para o desmame precoce.

Dentre os fatores influenciadores na decisão pela amamentação, encontram-se, na literatura, aspectos como os benefícios da amamentação; suporte familiar, social e profissional; características sociodemográficas e clínica das mães que amamentam; experiência pessoal e tradição familiar.² Entre esses fatores, é preocupante, também, a influência do familiar, especialmente das avós. Elas podem interferir diretamente no processo de amamentação, em aspectos positivos e também negativos, pois são herdeiras de experiências e vivências adquiridas ao longo da vida.³ Tais experiências datam de 20 a 30 anos atrás, quando o aleitamento materno não era valorizado e o uso de chá e outro leite era recomendado pelos pediatras.⁴

A influência das avós no processo de amamentação foi mostrada em um estudo⁴, identificando que avós maternas (56,0%) e paternas (54,0%) aconselharam o uso de chá e/ou água, sendo outro leite menos recomendado (13,5% e 12,3%, respectivamente). A recomendação pelas avós de água e/ou chás aumentou o risco em 2,22 vezes para o desmame no final do primeiro mês. Já para o uso de leite aumentou o risco em 4,51 vezes para a criança de um mês de

idade não estar em amamentação exclusiva e em 2,39 vezes para o aleitamento materno ser interrompido antes dos seis meses.

Dessa forma, observa-se que o papel da avó no período puerperal é de suma importância, visto que ela auxilia suas filhas e noras nos cuidados com o bebê e na manutenção ou não do aleitamento materno. A prática do aleitamento materno pode ser passada de geração em geração, isto é, de mãe para filha, considerando-se a relação de confiança na qual a filha segue o modelo da mãe. Nesse sentido, pode-se considerar essa transmissão uma obrigação da mulher, onde cada uma deve cumprir e assumir o papel de mãe em todos os aspectos. As avós, então, incentivam e apoiam suas filhas a amamentarem e passam às suas filhas os deveres e obrigações que elas devem ter agora como mães, repassando-lhes aquilo que aprenderam com os profissionais da saúde e por intermédio da mídia.⁵

A prática da amamentação é fortemente influenciada pelo meio onde está inserida a nutriz, sendo a opinião das avós de extrema importância para a mulher.⁶ Mas nem sempre o conhecimento materno vivido pelas avós é positivo, embora continue valorizado e respeitado por filhas e noras, podendo desestimular a prática do aleitamento materno e incentivar o uso de outros alimentos complementares.³

Ao considerar as propriedades e os benefícios do leite materno na saúde do bebê, mãe, pai e família⁶ e a importância do apoio das avós na promoção e na manutenção do aleitamento materno, bem como a escassez de investigações sobre a intergeracionalidade na prática de amamentação³, questiona-se o seguinte: as avós influenciam ou não na decisão da mulher em amamentar?

Para responder a essa questão, é de suma importância desenvolver pesquisa que possibilite a compreensão da influência familiar no processo de amamentação, contribuindo para a promoção e a manutenção do período de aleitamento materno. Este estudo busca, então, refletir sobre amamentação, tendo como finalidade conhecer e analisar como as nutrizes vivenciam a participação das avós durante sua prática de aleitamento materno, justificando, assim, a realização deste estudo que tem como objetivo:

- Verificar a percepção da mulher quanto à influência das avós no processo de amamentação.

MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa.⁷ Teve como cenário as unidades localizadas na região norte do município de Marília (SP), Brasil, Unidade Básica de Saúde Santo Antonieta e Unidade Saúde da Família - Parque das Nações, pelo fato de terem a maior média de nascidos vivos nos últimos cinco anos.

Os sujeitos da pesquisa foram 25 mulheres sem restrição de idade, mães de crianças de seis a 24 meses, em aleitamento ou não, das referidas áreas e que aceitaram participar da pesquisa. O critério utilizado para estabelecer o número de sujeitos foi o da saturação, isto é, a repetição dos depoimentos dos entrevistados, indicando, assim, que os dados coletados conseguem responder ao objetivo proposto pelo estudo.⁷

Para a produção de dados, utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada, na qual a informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, em dois momentos: no 1º Momento - Dados sobre a identificação, gravidez, parto e prática de amamentação; no 2º Momento, a entrevista é conduzida por meio de questões norteadoras. Como foi para você a participação das avós durante seu período de amamentação? Se tiver mais de um filho, o comportamento das avós sempre foi o mesmo em relação à amamentação?

A produção de dados foi realizada pelos próprios autores, no local determinado pelo sujeito, sendo agendada previamente, após contato com as unidades de referência dos sujeitos.

Para a análise dos dados, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo na modalidade temática, proposta por Minayo⁷, que consiste em identificar os núcleos de sentido que compõem as falas. A presença, ou frequência destes temas, denota relevância para o objeto analisado em três etapas: A *primeira* - Pré-análise- desenvolve-se com a transcrição da entrevista gravada e leitura flutuante. Nessa etapa, o pesquisador deve interagir de forma intensa e direta com as fontes de comunicação (texto e observação de campo), buscando relacionar as hipóteses iniciais e emergentes, faz a constituição do *corpus*, valida qualitativamente os dados por meio da exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência dos documentos analisados, procede à formulação e reformulação de hipóteses, possibilitando correções interpretativas, e busca outras indagações. É o momento em que se determina a unidade de registro (palavra-

chave ou frase), unidade de contexto, os recortes, a forma de categorização, a modalidade de codificação e os conceitos teóricos que orientarão a análise. Na *segunda etapa*, o investigador realiza a exploração do material, buscando identificar as categorias significativas, construídas por meio de codificações e índices quantitativos e, após, classifica e agrega os dados, determinando as categorias teóricas ou empíricas de cada tema. Enfim, na *terceira etapa*, realiza-se o tratamento dos dados obtidos, as interpretações, inter-relacionando os dados e buscando seus significados.

Os preceitos éticos contidos na Resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, foram considerados nesta pesquisa. Após autorização do projeto pelo Conselho Municipal de Avaliação em Pesquisa - COMAP, da Secretaria Municipal de Saúde de Marília, e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Faculdade de Medicina de Marília - Famema, sob parecer número 178.104, iniciou-se a coleta de dados. Aos sujeitos, foi entregue uma cópia do Termo de Consentimento pós-informação e, como forma de garantir seu anonimato, as entrevistas foram transcritas na íntegra, devidamente identificadas com a letra “E”, seguida de numeração, como, por exemplo, E1, E2, E3, sucessivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

◆ **Perfil dos sujeitos**

Das 25 mulheres participantes deste estudo, 76% tinham idades acima dos 20 anos, 64% referiram ter união estável com seus respectivos companheiros e 64% exerciam atividades do lar apenas.

Em relação aos antecedentes obstétricos, verificou-se que 52% têm apenas um filho, 96% (n=24) referiram a última gestação com feto único, 76% foram submetidas ao parto operatório e 96% (n=24) ficaram em alojamento conjunto com o filho.

Quanto à história de amamentação, identificou-se que 84% iniciaram a mamada na primeira hora de nascimento do filho e 44%, no momento da coleta de dados, ainda amamentavam o filho.

◆ **Categorias temáticas**

Este estudo mostra que as avós ora influenciam positivamente no processo de amamentação, ora influenciam negativamente. As mulheres reconhecem os fatores que as influenciam, bem como apontam que se sentem empoderadas, seja pelo conhecimento, pelo desejo em

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

amamentar ou pelas interpretações que fazem da prática vivenciada. Elas mantêm a amamentação, conforme duas categorias temáticas identificadas e descritas a seguir.

♦♦ Tema 1- A influência das avós na decisão e manutenção da amamentação

As mulheres/nutrizas percebem que as avós influenciam positivamente, mas também podem influenciar negativamente a sua decisão para amamentar.

Reconhecem que ensinam, incentivam e apoiam a prática de amamentação e que a opinião das avós, com as quais têm contato, quanto aos benefícios do aleitamento materno, constitui elemento significativo, ao fazerem avaliação das condições de saúde do filho por meio da experiência vivenciada, o que reforça a sua decisão em manter a amamentação.

[...] desde o momento que ela (avó) soube que eu estava gestante, ela me explicou, me ensinou [...] que o leite materno é uma coisa muito boa, né, para criança, protege [...] ajuda no desenvolvimento da criança, protege a mãe também de vários tipos de doença, a criança também é protegida. [...] eu acho assim que também pelo leite materno a criança é mais saudável, é mais protegido, é mais difícil ter problema de saúde. Eu tenho certeza, ele até agora não teve nenhum problema, não teve gripe. Então eu acho que assim quem amamenta no seio é mais difícil a criança ter problema de saúde. Então o risco é menor em relação àqueles que não são amamentados no seio, né [...] (E4)

Ela (avó) estava ali todo momento comigo, na hora que ele chorava, na hora que ele sentia uma dorzinha, às vezes ele reclamava e minha mãe falava: por quê? O que tá acontecendo? Era todo esse o lado dela, então minha mãe, foi uma super mãe.[...] Falou pra mim que era muito importante, que ajudava as crianças contra doenças, como gripe e tudo, que o leite materno era saúde para as crianças. (E14)

O ato de cuidar sempre foi inerente à mulher e, na história do cuidado familiar, as avós e as mães são as pessoas mais importantes, pois essas mulheres transmitem às outras seus conhecimentos, suas crenças e seus valores, mantendo, desde sempre, a sobrevivência do ser humano. Nessa perspectiva, cada contexto familiar, com suas singularidades, influencia o processo de amamentação, por meio de trocas de experiências e conhecimentos que estimulam a prática do aleitamento materno.⁸⁻⁹

O aleitamento materno é uma prática que envolve relação de ensino e aprendizagem entre gerações no espaço familiar.^{3,10}

Quando a influência das avós é positiva, esta é extremamente importante para a formação de conhecimento e habilidades da nova mãe favoráveis à prática da amamentação.²

Mesmo tendo recebido orientações dos profissionais da saúde quanto aos benefícios do aleitamento materno, as mulheres, na convivência em seu meio, destacam as avós como a pessoa mais importante nesse processo, por sentirem segurança nas orientações recebidas e apoio nas dificuldades vivenciadas.

Minha mãe sempre foi fundamental. [...] ela sempre ajudava a cuidar quando nasceu; o primeiro banho, colocar no peito. Ela sempre foi importante, minha mãe foi a pessoa mais importante, senão era pra eu ter desistido quando começou a doer da primeira gravidez que eu tive. Quando começou a doer para dar o leite, ela falava, “não, não é para parar, não desiste, não desanima”. Aí, depois de quinze dias, passou a dor e continuei, e dou até hoje. (E 11)

A nutriz elege um membro familiar, geralmente um membro mais velho, mais experiente e particularmente que já tenha vivenciado essa prática.¹¹ Os estudos têm mostrado a avó materna como a pessoa escolhida.^{2,4}

As avós são as pessoas mais presentes no nascimento de seus netos e, por isso, mais próximas da mulher nutriz no período puerperal, momento em que a lactação está sendo estabelecida. Assim, os profissionais de saúde devem considerar o conhecimento cultural e o poder hierárquico da mulher avó nesse processo que se inicia.^{8,12}

Tal fato é importante, pois, diante das dificuldades vivenciadas pela mulher ou da falta de desejo em amamentar o filho, quando esta tem apoio e incentivo do familiar, acredita que o leite materno é importante para a saúde da criança e persiste no processo de amamentação.

[...] no começo meu peito cortou, eu não queria dar mais. Daí ela (bisavó) disse que tinha que dar [...] eu fiquei brava porque doía muito, mas aí foi cicatrizando, e até agora estou dando pra ele [...] agora sim (gosta de amamentar). (E2)

Bom, minha mãe sempre me incentivou, né. Sempre mamei nela, né, mas assim, no começo, ele não quis pegar não, foi bem difícil, aí, minha mãe foi me ajudando, pelejando e eu, sem saber ainda, mas ela me ajudou bastante, me incentivou. (E9)

No ambiente familiar, a opinião das avós ainda é muito valorizada e respeitada. Com base nisso, afirma-se que as avós participam

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

diretamente da fase puerperal de suas filhas, influenciando positiva ou negativamente no aleitamento materno, dependendo das raízes de suas crenças e sua cultura.^{6,13}

Neste estudo, constata-se que a participação das avós no processo de amamentação, seja ensinando, incentivando e ou apoiando a nutriz, promove segurança à nova mãe. Por outro lado, as mulheres percebem que a pouca proximidade, a falta de orientação e apoio das avós, bem como a orientação delas para ofertar outros leites, podem influenciar negativamente na decisão da nutriz em manter a amamentação. Nesse momento, da insegurança e de dúvidas que vivencia com a prática de amamentação, ela acaba por introduzir alimentos na dieta do filho.

[...] quando eu estava dando leite pra nenê, aí, machucou. Eu falei que ia dar leite de caixinha né, daí ela (avó materna) falou que era melhor tirar do peito e dar na mamadeira, que era melhor [...] Não saía muito porque ele não sugava e não tinha muito fluxo de leite, aí não saía muito, eu dei leite Nan até os três meses e depois comecei dar o leite de caixinha. [...] Bom, minha mãe nunca foi aquela mãe de explicar as coisas, minha mãe nunca falou sobre isso e minha sogra nunca falou sobre isso não. (E5)

Então, eu não gosto de dar chá pra ele, e ela quer que dê, e eu não gosto. Eu dou porque ela fala. Porque realmente acalma ele, mas eu não gosto, eu gosto só do leite. (E19)

Outros estudos, como o de Zanin e Schacker¹⁴, verificaram que as avós influenciam no processo de amamentação, em alguns momentos, como incentivadoras do aleitamento materno, auxiliando as mães em suas dificuldades, promovendo a segurança, ofertando o apoio e orientando sobre os cuidados com a amamentação e a importância do leite materno. Contudo, em alguns casos, perceberam que há também o desestímulo ao aleitamento materno exclusivo, quando incentivam o uso de chá, água e outros alimentos antes dos seis meses.¹⁵

O sucesso da amamentação depende da interação entre mãe e filho, subsidiada pelo apoio familiar, sobretudo, da mãe da puérpera. Depende também de fatores históricos, sociais, culturais e psicológicos da nutriz e de seus familiares, além do comprometimento, do conhecimento técnico-científico e da criatividade da equipe de saúde no incentivo ao aleitamento materno.⁶

A avó, diante da fragilidade e dificuldade vivenciada por sua filha, também pode se sentir insegura, assumindo condutas que se

contrapõem. Ao mesmo tempo em que fornece orientações que irão beneficiar a produção do leite materno, sugere a introdução de outros tipos de leite.

[...] só da avó materna, que no caso seria a minha mãe. E ela me influenciou no que eu poderia comer e o que eu não podia, o que seria bom e o que não seria [...] Era bom pra vitamina do leite, pra aumentar o leite [...] eu tinha vontade, tinha curiosidades, mas, ao mesmo tempo, eu tinha medo do meus seios caírem e doíam bastante, era muito dolorido, eu chorava de dor [...] eu acordava de noite pra dar mama pra ele, mas aí meu leite era pouco, a minha mãe falava que era pouco, que não estava sustentando ele, aí foi aí que ela me deu a ideia de dar leite pra ele, leite de vaca. Aí eu misturava com pouco d'água e dava pra ele, aí ele começou a parar de chorar (E3)

Ela aconselhou bastante (a dar o leite materno), mas, como empedrou, ela falou “não tem mais jeito, agora vai ter que dar outro tipo de leite” [...]. (E15)

Outros estudos corroboram esse fato, confirmando que as avós trazem consigo os conhecimentos e as experiências permeados por mitos, crenças, tabus e valores enraizados e culturalmente aceitos no contexto histórico vivido por elas.¹⁶ Dentre esses, podem-se citar leite fraco e em pouca quantidade; o bebê chora porque está com fome; os peitos vão cair; o bebê rejeitou o leite materno e o leite artificial é que alimenta.¹⁷ Durante o período puerperal, a mulher encontra-se emocionalmente mais sensível, permitindo, assim, a influência de terceiros, sobretudo, das avós, as quais, muitas vezes, contribuem consciente e/ou inconscientemente para o desmame precoce.⁸

Sabe-se que, quando as avós incentivam o uso de chá, água e outros leites para os bebês menores de seis meses, essa é uma atitude negativa ao aleitamento materno, podendo repercutir no desmame precoce.¹⁵

Os autores acreditam que essas atitudes das avós estejam relacionadas com o conhecimento adquirido há 20 ou 30 anos, momento em que a prática da amamentação era um tanto quanto desvalorizada.⁴ Dessa forma, a experiência vivida pelas avós sobre a alimentação infantil influencia na sua forma de apoiar a amamentação.¹⁸ Acredita-se que as avós que não praticaram o aleitamento materno exclusivo tendem a influenciar a mulher a não promover o aleitamento materno exclusivo.¹⁹

Para que as avós apoiem e incentivem a amamentação, faz-se necessário que os profissionais de saúde conheçam como elas vivenciaram essa prática. Há mulheres que

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

ainda vivenciam posicionamento diferente ao das avós em relação à prática de amamentação, isto é, enquanto uma incentiva o aleitamento materno, a outra estimula a introdução de outros leites para ficar mais próxima da criança.

Então, por minha parte, a maioria falava que era pra amamentar, que era bom, que o neném ficava imune, já na parte da minha sogra, ela falava que era pra dar outro leite. Até hoje ela fala pra eu tentar dar outro leite, mas ele não pega, de jeito nenhum. [...] E ela (avó paterna) ficava com essa mania de falar que o leite era fraco, que não ia sustentar o neném, pra ela poder ficar com ele mais tempo, coisa de vó. (E17)

O ato de amamentar é inerente à história dos seres humanos, mas, mesmo assim, pode propiciar à nova mãe insegurança e o medo de errar. As avós são as mulheres que participam ativamente do cuidado familiar, principalmente de suas filhas ou noras, na fase puerperal, transmitindo à nova mãe suas crenças e experiências.²⁻³

As mulheres participantes deste estudo apontam também que as avós estimulam a oferta da mamadeira para que possa ficar maior tempo com o neto. Acredita-se que as avós, ao auxiliar o cuidado com o neto, revivam sua experiência como mãe.⁸

Os achados deste estudo mostram que as mulheres/nutrizas reconhecem que a participação das avós no processo de amamentação é de suma importância. Por serem pessoas experientes, transmitem confiança, fazendo com que as novas mães se sintam mais seguras ao cuidar e amamentar o filho.

Ah, eu acho muito importante porque foi o meu primeiro filho, né. É bem interessante porque, no começo, eu não tinha experiência, não sabia o que é cuidar de um filho, eu não sabia o que era amamentar, e não tinha esse contato com criança e eu nunca tive filho, para mim é muito importante porque elas me ensinaram, eu estou dizendo porque amamentação faz parte da criança e também da mãe, é uma coisa importante para nós. (E4)

Ah, foi bom, minha mãe disse que eu tinha que amamentar, que fazia bem pra saúde do neném [...] ela (avó materna) tem mais experiência. (E 6)

As mulheres percebem que o fato de serem inexperientes favorece a participação direta e ativa das avós ao cuidarem da criança. E à medida que vão adquirindo experiência, ao cuidar e amamentar o filho, vão se sentindo independentes da ajuda das avós.

Aceito tudo, que a gente que é mais jovem. A gente não conhece muito das coisas, né, e

os mais velhos sempre sabem, né. Então eu aceito todos os conselhos que elas dão. [...] Porque a gente foi criando assim e, graças a Deus, a gente tem saúde, todas as minhas irmãs foram criadas assim, os filhos delas foram criados assim e a gente vê que funciona mais que remedinho. (E23)

Na verdade, diferença tem sim. Na primeira gravidez, a gente é mais nova e não tem tanta experiência, depende mais da mãe [...]. Bom, da minha mãe, na verdade, eu posso dizer que foi só na primeira, né, porque na primeira ela teve contato no dia a dia, agora, no segundo [...] era só eu e a criança mesmo, [...] mas, por telefone, ela ainda me ajudava. Agora, o terceiro não preciso nem de ajuda. (E14)

É a primeira foi mais (participação das avós) porque eu era inexperiente e na segunda eu já tinha mais experiência, então não ajudou tanto. [...] Assim, no primeiro eu sabia da importância, eu sempre ouvia falar, mas assim eu sofri mais, o seio deu uma rachadinha, mas, assim, eu sempre achei importante, eu nunca desisti, eu fui, eu passei dor e nunca desisti de amamentar e no segundo eu já sabia, então eu já fui passando pomadinha, já foi mais fácil. (E20)

No contexto familiar em que a nutriz vive normalmente são as avós que, por serem respeitadas e portadoras de um conhecimento maior, exercem grande influência neste momento, principalmente sobre as primíparas, que são inseguras e despreparadas. Pode essa influência ser positiva ou negativa, o que dependerá do contexto histórico, cultural e da experiência prévia vivenciada por essas avós durante o seu processo de amamentação.⁵

Deve-se ressaltar também que, durante a gravidez e no período puerperal, ocorrem necessidades de novas adaptações, aumento da responsabilidade, mudança de papel social, alterações corporais, conflitos da própria idade, limitações em diversas ações que a mulher praticava, reajustes interpessoais, intrapsíquicos e a função de nutriz. Acima de tudo, avulta a insegurança no cuidado com bebê que resulta do medo, da imaturidade e inexperiência da adolescente.²⁰

Quando a mulher é mãe com pouca idade, muitas vezes ela subestima a sua capacidade de cuidar de seu filho e entrega seu filho aos cuidados de outra pessoa, acatando todas as suas orientações, por julgá-la mais experiente e competente que ela. Nesse momento, a família é o principal referencial de apoio para as mães adolescentes. As mulheres da família delas, que já vivenciaram este período, transmitem a elas as experiências vividas. A filha, então, segue o exemplo e os ensinamentos de sua mãe.²⁰

A suplementação precoce com água e chás é uma prática muito presente no cotidiano das nutrizes, adolescentes ou não, o que reforça a valorização de crenças ensinadas de mãe para filha,²¹ somada à possível falta de conhecimento em relação aos benefícios do aleitamento materno exclusivo.²²

Ao considerar que as avós exercem grande influência na tomada de decisão das mulheres quando vivenciam dificuldades, dúvidas ou têm tabus em relação à prática de amamentação, fica evidente a necessidade da sua participação nas consultas de pré-natal e também nos grupos de gestantes para que, dessa forma, possam se comprometer, se sentirem seguras e reconhecer a importância do seu incentivo e da sua ajuda à nutriz nesse período.

♦♦ Tema 2 - O empoderamento da mulher/nutriz na decisão e manutenção da amamentação

Empoderamento, enquanto categoria, perpassa noções de democracia, direitos humanos e participação, mas não se limita a estes. Envolve o agir, implicando processos de reflexão sobre a ação, visando a uma tomada de consciência a respeito de fatores de diferentes ordens, seja econômica, política ou cultural, que conformam a realidade, incidindo sobre o sujeito.²³

O processo de empoderamento para as mulheres/nutrizes, neste estudo, advém do conhecimento dos aspectos que envolvem o processo de amamentação, pois estas conseguem refletir sobre a “influência das avós”, que orientam ações que proporcionam repercussões para a saúde da criança, bem como o desmame precoce. Sentindo-se segura quanto ao conhecimento dos benefícios do leite materno para a saúde do filho, a mulher mantém o aleitamento materno exclusivo.

[...] recém-nascido sempre chora um pouquinho a mais, né. Aí minha mãe queria que eu desse chupeta pra ele, minha sogra também, só que eu não dei, porque a chupeta dá um monte de problema na criança, e eu pensei em tudo isso, no futuro, que dá problema. [...] Minha mãe queria que eu desse chá de camomila, de erva doce, minha sogra também, mas eu não dei, é a única parte que ela não sabia, por isso que ela fez, mas foi pelo bem da criança, mas eu não dei, dei mesmo só o leite. [...] eu sabia que o leite materno é suficiente para criança. (E11)

Neste estudo, esse processo de empoderamento da nutriz perpassa o desejo de amamentar como um elemento significativo. O desejo pela amamentação retrata a motivação da mulher acerca da

prática de amamentar, sendo também considerado como um dos fatores para a sua tomada de decisão.²

Mesmo diante de situações de “influência positiva” das avós, isto é, mesmo quando estimuladas por estas a amamentar o filho, reconhecem que o fato de desejarem ser mãe e amamentar a criança é o que fortalece a sua decisão, tornando o processo de amamentação fácil para elas.

A minha mãe amamentou oito filhos, né, e ela já falou para mim como que era e minha sogra também amamentou todos os filhos dela, ela fala pra mim [...] tem que a amamentar porque o leite é importante, né, pro desenvolvimento do bebê. Pra mim, já ficou mais fácil, né, eu já queria amamentar, eu já tinha vontade, então foi bom, foi fácil pra mim. (E11)

Observa-se que a prática do aleitamento materno é valorizada culturalmente, sendo seus significados e práticas influenciados e transmitidos intergeracionalmente.¹⁰⁻¹¹ As mulheres necessitam de modelos de pessoas mais experientes que já vivenciaram a prática do aleitamento materno.¹¹

Há mulheres que ainda não estão preparadas para ser mães, pois percebem que, além de não terem maturidade para assumir responsabilidades de tamanha importância, também se veem desprovidas de condições materiais e sofrem influência da família, especialmente das avós, que são as pessoas que as ajudam a assumir o papel de mãe e a cuidar do filho.¹²

Em outros estudos, como o de Wieczorkiewicz e Souza²⁴, o processo de amamentação foi percebido como uma experiência maravilhosa, sendo considerados, nos discursos das adolescentes, os aspectos biológicos, como o de proteção às doenças. Quanto aos fatores sociais envolvidos no processo, os depoimentos revelam que a verdadeira mãe é quem amamenta o filho.

Neste estudo, o desejo em amamentar foi relacionado à fase de vida em que a mulher se encontra, pois percebe que, quando mais jovem, não tem maturidade para desejar e assumir o cuidado do filho.

Acho que porque eu era muito novinha, né. Eu não estava acostumada a perder noite, essas coisas então, mas por falta de maturidade mesmo, né, por saber que é importante por vitaminas, mas a gente não quer nem saber. Primeiro não, mas agora, do segundo, eu quis amamentar [...]. (E24)

Com a chegada do filho, a mulher vivencia a “preocupação materna primária”, que proporciona a ela uma sensibilidade cada vez maior em relação às necessidades do filho,

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

dedicando-se completamente a ele. As novas mães se preocupam de tal forma que, nesse momento, podem se sentir incapazes de desenvolver outras tarefas.²⁵

Percebe-se, então, que o contexto social e familiar no qual a adolescente está inserida representa papel fundamental nesta etapa da vida, fornecendo valores, regras e expectativas, bem como os meios concretos para a viabilização de seu novo projeto de vida. É necessário, portanto, que ações sejam dirigidas a todos os adolescentes por intermédio de uma rede de apoio que estimule o autocuidado nesta situação de gravidez precoce, bem como os cuidados com o filho.²⁶

Estudo com adolescentes que, apesar do medo e das dificuldades referidas à gestação e ao parto, identificou que a amamentação, quando trabalhada por meio de uma rede de apoio efetiva, deixa a mãe-adolescente empoderada para esta ação.²⁴ A família e os amigos podem favorecer a prática da amamentação, fornecendo suporte emocional, social e encorajando a mulher nesse processo.¹³

Verifica-se, ainda, neste estudo, que algumas mulheres/nutrizas, mesmo diante de dificuldades advindas do processo de amamentação e tendo incentivo e apoio das avós, fazem interpretações próprias da situação vivenciada no processo de amamentação, o que as levam a amamentar ou introduzir precocemente outro tipo de alimento.

[...] No começo eu não queria, assim, porque doía o peito, daí, depois eu vi que era bom pra ela, pra saúde dela, até que eu dou até hoje, ela tem um ano e três meses e eu ainda estou amamentando. (E25)

Foi bom, no caso eu tive minha mãe. Então, como os antigos sempre amamentavam mais no seio, então ela sempre indicou, é a melhor coisa, é mais saudável pra ele [...] é que eu no começo mesmo não tive tanto, então só o peito mesmo não sustentava, tive logo que entrar com mamadeira também e nesse tempo todo ele mamava peito e mamava mamadeira [...]. (E10)

A mulher toma decisões por se sentir responsável pela amamentação, mediante a sua percepção, interpretação e atribuição de significados à sua experiência de amamentar, percebida como um processo interacional mais amplo, com abrangência e interferência do contexto em que estão inseridos. Assim, é preciso considerar os aspectos de natureza subjetiva envolvidos em seu percurso e na decisão da nutriz em amamentar ou não.²⁷

Diante destes resultados, verifica-se que a tomada de decisão em amamentar ou não é

centrada na mulher, mas esta não perpassa apenas seu conhecimento, mas o seu desejo em amamentar e, ainda, interpretações que faz da prática vivenciada. Em vista disso, é de suma importância para a promoção do aleitamento materno que o empoderamento da mulher ocorra desde o pré-natal²⁸, a partir de um diálogo aberto sobre o processo de amamentação, respeitando sua singularidade, fase da vida em que se encontra e diversidades socioculturais.

O empoderamento individual se refere ao nível psicológico de análise. No nível individual, empoderamento refere-se à habilidade das pessoas de ganharem conhecimento e controle sobre forças pessoais para agir na direção de melhoria de sua situação de vida. Diz respeito ao aumento da capacidade de os indivíduos se sentirem influentes nos processos que determinam suas vidas.^{23:176}

É importante ressaltar que o processo de empoderamento envolve a possibilidade de os profissionais de saúde proporcionarem condições para que a mulher seja sujeito ativo no processo de amamentação, para que esta possa aprender, refletir, avaliar e fazer suas próprias escolhas.

Ao revisitar os conceitos de empoderamento na literatura, remete-se ao seu duplo significado: *verbo transitivo, empoderar envolve um sujeito que age sobre um objeto. Como verbo intransitivo, por sua vez, envolve a ação do próprio sujeito. Usado transitivamente, empoderar significa dar poder a outro, compartilhando alguns poderes que determinados profissionais devem ter sobre outros. Dessa forma, o profissional é visto como agente de empoderamento, e permanece como sendo o ator controlador, definindo os termos da interação. [...] envolve tornar os outros capazes, ou auxiliar os outros a desenvolver habilidades para que possam obter poder por seus próprios esforços.*^{23:179}

Nos resultados deste estudo, verifica-se que a decisão materna de amamentar ou não e por quanto tempo é regida por múltiplos componentes, tais como: conhecimentos, desejo, apoio familiar, apoio cultural, habilidades específicas sobre como amamentar. A promoção da amamentação deve, portanto, considerar todos estes aspectos, bem como o processo de educação em saúde, por meio de uma educação crítica-reflexiva.

Os educadores não podem “dar poder às pessoas”, mas podem torná-las capazes de aumentar suas habilidades e recursos para ganhar poder sobre suas vidas. Dessa forma, devem proporcionar o poder emancipatório, o qual envolve o conhecimento instrumental e

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

comunicativo. Para que isso aconteça, todos os princípios da integralidade devem ser atendidos, bem como as pessoas empoderadas para sua efetiva realização no processo de cuidar de si e do filho. Para tanto, os enfermeiros necessitam de visualizar novas formas de intervir na realidade de saúde, alicerçando sua prática profissional no respeito e confiança das potencialidades dos seres humanos com os quais interagem e pactuam parcerias nas ações de educação em saúde.²⁹

As mulheres trazem conhecimentos sobre a prática de amamentar advindos do convívio e experiências na família e nas comunidades em que vivem, e estes devem ser considerados no processo de ensinar e aprender. Assim, nos processos educativos para a promoção da amamentação, o diálogo pode contribuir para a desconstrução de mitos e construção de novos conhecimentos e atitudes positivas frente à amamentação. O aconselhamento em amamentação, nos diferentes momentos, é uma estratégia importante no processo de empoderamento da mulher, uma vez que este permite, por meio do diálogo, ajudá-la a tomar decisões, além de desenvolver uma relação de confiança e sentimentos de acolhimento.⁶ Para que isso seja possível, torna-se necessário que o profissional de saúde tenha uma postura crítica-reflexiva, comprometida e voltada para o outro.²⁹

CONCLUSÃO

Neste estudo, evidencia-se que as mulheres/nutrizas percebem as avós como pessoas importantes no processo de amamentação por serem pessoas com mais experiência, pois reconhecem que estas as ensinam e as apoiam, mas nem sempre o que as avós ensinam ou incentivam repercute positivamente na prática de amamentação como, por exemplo, a introdução precoce de outros alimentos.

Verifica-se, também, que a avó pode influenciar negativamente na decisão da nutriz em manter a amamentação diante da insegurança e dificuldades vivenciadas por sua filha ou nora. E as opiniões das avós, somadas às interpretações que a mulher faz quanto aos benefícios do aleitamento materno, constituem elementos significativos ao decidir manter ou interromper a amamentação.

As mulheres participantes deste estudo reconhecem também que, ao se sentirem empoderadas, seja pelo conhecimento, desejo em amamentar ou pelas interpretações que fazem da saúde do filho, não se deixam influenciar pelas condutas negativas das avós.

Assim, fica evidente a necessidade da participação das avós em todos os momentos, seja no pré-natal, parto, puerpério e puericultura, bem como o desenvolvimento de ações que proporcionam o empoderamento da mulher/nutriz para que ambas possam ser sujeitos ativos no processo de amamentação. Acredita-se assim que, juntas, poderão refletir sobre a prática de amamentação, comprometendo-se e se sentindo mais seguras ao vivenciarem o processo de aleitamento materno.

É de suma importância que os profissionais da saúde sejam capacitados para desenvolver ações em prol do aleitamento materno, sobretudo aquelas que possibilitam a inserção das avós e outros familiares como agentes participativos no processo da amamentação.

AGRADECIMENTOS

Às professoras Maria Cristina Guimarães, Fernanda Moerbeck Cardoso Mazzetto e Cássia Galli Hamamoto pela apreciação e sugestões dadas na finalização do Trabalho de Conclusão de Curso.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Estratégicas. Pesquisa de prevalência de aleitamento materno em municípios brasileiros: situação do aleitamento materno em 227 municípios brasileiros [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2010 [cited 2011 May 27]. Available from: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pesquisa_aleitamento_municipios_brasileiros.pdf
2. Primo CC, Nunes BO, Lima EFA, Leite FMC, Pontes MB, Brandão MAG. Quais os fatores que influenciam as mulheres na decisão de amamentar? Invest Educ Enferm [Internet]. 2016 Jan/Apr [cited 2016 Dec 2];34(1):198-217. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v34n1/v34n1a22.pdf>
3. Deus MD, Dias ACG. Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. Pensando Fam [Internet]. 2016 July [cited 2016 Dec 2];20(1):112-25. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v20n1/v20n1a09.pdf>
4. Susin LRO, Giugliani ERJ, Kummer SC. Influência das avós na prática do aleitamento materno. Rev Saúde Pública [Internet]. 2005 Apr [cited 2015 Sept 12];39(2):141-7. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n2/24034.pdf>

5. Primo CC, Caetano LC. A decisão de amamentar da nutriz: percepção de sua mãe. *J Pediatr (Rio J)* [Internet]. 1999 [cited 2016 nov 15];75(6):449-55. Available from: <http://www.jped.com.br/conteudo/99-75-06-449/port.pdf>

6. Ministério da Saúde (BR), Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar [Internet]. 2nd ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2015 [cited 2016 Nov 17]. Available from:

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf

7. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13th ed. São Paulo: Hucitec; 2013.

8. Teixeira MA, Silva LWS. Influência das avós no desmame precoce: olhando a família. *REME Rev Min Enferm* [Internet]. 2005 Oct/Dec [cited 2016 Nov 16];9(4):355-60. Available from: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/484>

9. Teixeira MA, Nitschke RG, Silva LWS. A prática da amamentação no cotidiano familiar: um contexto intergeracional: influência das mulheres-avós. *Rev Kairós* [Internet]. 2011 June [cited 2016 Aug 12];14(esp 9):205-21. Available from: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/6501>

10. Batista KRA, Farias MCA, Melo WSN. Influência da assistência de enfermagem na prática da amamentação no puerpério imediato. *Saúde Debate* [Internet]. 2013 Jan/Mar [cited 2015 Sept 12];37(96):130-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v37n96/15.pdf>

11. Moreira MA, Nascimento ER, Paiva MS. Representações sociais de mulheres de três gerações sobre práticas de amamentação. *Texto contexto-enferm* [Internet]. 2013 Apr/June [cited 2015 Sept 13];22(2):432-41. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n2/v22n2a20.pdf>

12. Oliveira AC, Dias IKR, Figueredo FE, Oliveira JD, Cruz RSBL, Sampaio KJAJ. Aleitamento materno exclusivo: causas da interrupção na percepção de mães adolescentes. *Rev Enferm UFPE on line* [Internet]. 2016 Apr [cited 2016 Dec 2];10(4):1256-63. Available from: <http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermage>

m/index.php/revista/article/view/8840/pdf/9969

13. Raffle H, Ware LJ, Borchardt AR, Strickland HA. Factors that influence breastfeeding initiation and persistence in Ohio's Appalachian region [Internet]. Athens: Voinovich School of Leadership and Public Affairs at Ohio University; 2011 [cited 2016 May 2]. Available from: <https://www.ohio.edu/voinovichschool/upload/Breastfeeding-in-the-Ohio-Appalachian-Region.pdf>

14. Zanin LC, Schacker LC. Avós maternas: incentivadoras da amamentação? *Rev Conhecimento Online* [Internet]. 2010 Mar [cited 2016 Apr 5];2(1):1-13. Available from: <http://www.feevale.br/site/files/documentos/pdf/35211.pdf>

15. Losa-Iglesias ME, Rodríguez-Vázquez R, Vallejo RBB. Papel de la abuela en la lactancia materna. *Aquichán* [Internet]. 2013 [cited 2016 Dec 2];13(2):270-9. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v13n2/v13n2a13.pdf>

16. Angelo BHB, Pontes CM, Leal LP, Gomes MS, Silva TA, Vasconcelos MGL. Práticas de apoio das avós à amamentação: revisão integrativa. *Rev Bras Saúde Matern Infant* [Internet]. 2015 Apr/June [cited 2016 Dec 2];15(2):161-70. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/rbsmi/v15n2/1519-3829-rbsmi-15-02-0161.pdf>

17. Marques ES, Cotta RMM, Priore SE. Mitos e crenças sobre o aleitamento materno. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2011 May [cited 2016 Sept 17];16(5):2461-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n5/a15v16n5.pdf>

18. Grassley JS, Eschiti V. The value of listening to grandmothers' infant-feeding stories. *J Perinat Educ* [Internet]. 2011 [cited 2015 May 2];20(3):134-41. Available from: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3209771/pdf/JPE20-3_PTR_A4_134-141.pdf

19. Agunbiade OM, Ogunleye OV. Constraints to exclusive breastfeeding practice among breastfeeding mothers in Southwest Nigeria: implications for scaling up. *Int Breastfeed J* [Internet]. 2012 [cited 2015 May 2];7:5. Available from: <http://www.internationalbreastfeedingjournal.com/content/pdf/1746-4358-7-5.pdf>

20. Silva LA, Nakano AMS, Gomes FA, Stefanello J. Significados atribuídos por puérperas adolescentes à maternidade: autocuidado e cuidado com o bebê. *Texto contexto-enferm* [Internet]. 2009 Mar [cited 2016 Aug 8];18(1):48-56. Available from:

Siqueira FPC, Castilho AR, Kuabara CTM.

Percepção da mulher quanto à influência...

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n1/v18n1a06.pdf>

04];22(1):224-30. Available from:
http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n1/pt_27

21. Torres LEAS, Sales JRP, Melo MCP, Mendes RNC, Mistura C. Influências sociais no processo do aleitar: percepções das mães. Espaço saúde (Online) [Internet]. 2014 Apr [cited 2015 Sept 03];15(1):25-36. Available from:

http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/17381/pdf_15

22. Castelli CTR, Maahs MAP, Almeida ST. Identification of the doubts and difficulties of pregnant and postpartum women related to breastfeeding. Rev CEFAC [Internet]. 2014 July/Aug [cited 2015 Sept 03];16(4):1178-86. Available from:

http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v16n4/en_1982-0216-rcefac-16-4-1178.pdf

23. Baquero RVA. Empoderamento: instrumento de emancipação social? uma discussão conceitual. Rev Debates [Internet]. 2012 Jan/Apr [cited 2015 Sept 03];6(1):173-87. Available from:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>

24. Wieczorkiewicz AM, Souza KV. A amamentação na adolescência sob as “lentes” do discurso do sujeito coletivo. Ágora R Divulg Cient [Internet]. 2010 [cited 2013 Aug 5];17(2). Available from:

<http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/article/view/179/242>

25. Winnicott DW. A família e o desenvolvimento individual. 4th ed. São Paulo: Martins Fontes; 2011.

26. Leal AC, Wall ML. Percepções da gravidez para adolescentes e perspectivas de vida diante da realidade vivenciada. Cogitare Enferm [Internet]. 2005 Sept/Dec [cited 2015 Sept 14];10(3):44-52. Available from:

<http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/5375/3960>

27. Shimoda GT, Silva IA, Aragaki IMM, Souza CA. Necessidades de saúde de nutrízes e qualidade de vida. Acta Paul Enferm [Internet]. 2013 [cited 2015 Sept 13];26(3):213-8. Available from:

<http://www.scielo.br/pdf/ape/v26n3/02.pdf>

28. Boccolini CS, Carvalho ML, Oliveira MIC, Vasconcellos AGG. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida. Rev Saúde Pública [Internet]. 2011 [cited 2015 Sept 11];45(1):69-78. Available from:
<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v45n1/1717.pdf>

29. Salci MA, Maceno P, Rozza SG, Silva DMGV, Boehs AE, Heidemann ITSB. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. Texto contexto-enferm [Internet]. 2013 [cited 2015 Sept

Submissão: 23/06/2015

Aceito: 25/02/2017

Publicado: 15/06/2017

Correspondência

Fernanda Paula Cerântola Siqueira
Faculdade de Medicina de Marília/Famema
Curso de Enfermagem
Rua Jorge Bernardone, 404
Bairro Jardim Itaipu
CEP: 17519580 – Marília (SP), Brasil